

# Novas teorias de poder mundial e o Brasil potência\*

Carlos de Meira Mattos\*\*

**D**urante os últimos cem anos, três teorias geopolíticas dominaram a mente dos estudiosos de política internacional das grandes potências:

- A teoria do *heart land* (1904), também chamada de teoria do poder terrestre, de autoria do geógrafo e diplomata inglês Halford Mackinder, segundo a qual a potência que dominar *area pivot*, centro da massa continental euro-asiática, dominará a Ilha Mundial, e quem dominar a Ilha Mundial dominará o mundo;

- A teoria do professor norte-americano Nicholas Spykman (1942), que prevê a conquista da Ilha Mundial pelas fimbrias, partindo da conquista das áreas costeiras (contrariando Mackinder que antevia essa conquista partindo do interior do continente euro-asiático);

- A mais antiga, a teoria do Poder Marítimo (1890), do Almirante Alfred T. Mahan, escritor e geopolítico norte-americano, prevendo a conquista do mundo pela potência que dominar os mares, os estreitos e as passagens obrigatórias da navegação marítima, assegurando-lhe a capacidade de livre navegação por todas as partes do planeta.

Estas três teorias influenciaram na mente e nas decisões de importantes chefes de governo do passado, tais como Theodore Roosevelt, Guilherme II, Hitler, Mussolini, Churchill, Stalin, Franklin Roosevelt, De Gaulle e por último Reagan. A estratégia da política de poder da Alemanha no tempo do *kaiser* Guilherme II e de Hitler, assim como a da antiga União Soviética, refletiu as teorias de Mackinder, enquanto a estratégia de poder

norte-americana tem sido inspirada pelas teorias do Almirante Mahan e do professor Spykman.

Novas teorias do poder mundial vêm ocupando o cenário internacional, após a desagregação da União Soviética, que causou o fim da bipolaridade do poder mundial, e em face das pressões de uma sociedade globalizada. Entre várias das novas teorias, destacamos quatro que nos pareceram mais interessantes:

- A dos Blocos e Zonas Monetárias, do professor francês Jacques Brochard, contida no seu livro *Le Mirage du Futur - La Nouvelle Ordre International* (1990);

- A do Lime ou da fronteira viva móvel, do internacionalista francês Jean Christophe Rufin, autor da obra *Armadilha Humanitária* (1991);

- A Tríade do Clube de Roma, uma visão do mundo como uma sociedade organizada nos moldes de uma enorme empresa multinacional;

- A da Incerteza (ou da Turbulência), do estrategista francês Pierre Lellouche, exposta, principalmente, no seu livro *Le Nouveau Monde de l'Ordre de Yalta au Desordre des Nations*.

Numa síntese comparativa sobre a visão de poder mundial oferecida pelas novas teorias, podemos concluir que os autores Brochard e Rufin, nas suas perspectivas, não acreditam na duração do poder hegemônico dos Estados Unidos. Vêm o domínio do planeta exercido por grupos dos mais poderosos - Estados Unidos, Europa Ocidental, Rússia e Japão (quando escreveram a China ainda era considerada potência secundária). Rufin vê a necessidade, para a preservação do poder do

\* Artigos correlatos que são aqui transcritos em seqüência pela importância e oportunidade.

\*\* O autor é General-de-Divisão, geopolítico e historiador.

Ocidente, de uma fronteira viva móvel, no sentido leste-oeste, contendo o enorme perigo da invasão da Europa pelos “novos bárbaros”, povos africanos e asiáticos, de conseqüências imprevisíveis para a civilização e cultura ocidental-cristã. Teme o que chama de invasão da fome e a invasão do fanatismo religioso.

A Tríade do Clube de Roma (três blocos de nações liderados pelos Estados Unidos, Europa e Japão) prospecta a organização de uma sociedade mundial planejada, visando a evitar as anunciadas calamidades de nível planetário: descontrole ambiental, explosão populacional, crise energética, carência de água, perigo nuclear. Prevê um mundo organizado segundo o modelo das grandes empresas multinacionais, dirigida pelos três grupos de nações sob a supervisão dos Estados Unidos.

Por último, a teoria das Incertezas do Professor Lellouche previu que nos próximos 30 anos (escreveu em 1992) não haverá um poder capaz de dominar a turbulência provocada por inúmeros conflitos de índole social, étnica racial, fanatismo religioso, fome, ameaças de uso de armas de destruição em massa. Anteviu três décadas de desordens e incontrolável onda de violências, fora do controle de qualquer poder ordenador.

Praticamente, no presente, a sociedade mundial está vivendo um período de ausência temporária de um eficiente órgão ordenador, seja a ONU, União Européia, Pacto do Atlântico ou alguma superpotência. Estamos vivendo as previsões de Lellouche sobre a ausência temporária de um poder ordenador capaz de restabelecer a paz e a segurança, sufocando os vários pólos de conflitos graves, sangrentos, transnacionais, que se espalham pela Europa, Ásia e África. A chamada hegemonia norte-americana tem se mostrado insuficiente neste mister de preservar a ordem mundial. A ONU, outros organismos internacionais, ou Estados nacionais igualmente têm fracassado nesse desiderato.

Todos os autores citados, em suas teorias, consideraram a América Latina uma zona de relativa estabilidade e descartável em termos de influir

na composição do poder mundial. Em se tratando do Brasil, não é isto que pensam outros pesquisadores estrangeiros que nos colocam na perspectiva de vir a se transformar numa grande potência dentro de 30 ou 50 anos.

### Brasil potência

Periodicamente voltam à baila as avaliações de institutos internacionais de pesquisas e de autores estrangeiros versados em estudos prospectivos, apontando que o Brasil possui todos os predicados geográficos e humanos para vir a alcançar o nível de potência mundial. Ultimamente coube ao National Intelligence Council, dos Estados Unidos, apresentar um estudo prevendo que, nos próximos 15 anos, China, Brasil e Índia poderão conquistar um lugar entre as grandes potências mundiais.

O primeiro estudo sério de que nós tivemos conhecimento, sobre a possível ascensão do Brasil à categoria de grande potência, veio-nos dos livros publicados pelo Professor Ray Cline, presidente do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais da Universidade Georgetown, Washington. Nesses livros, denominados *World Power Assessment - A Calculus of Strategic Drift*, visando à avaliação do poder estratégico dos países do planeta, republicado algumas vezes com as avaliações atualizadas, nas décadas de 1970 e 1980, o Brasil sempre figurou entre os oito países emergentes candidatos ao elenco das futuras grandes potências.

Em outro estudo recente, divulgado nos Estados Unidos, produzido pelos analistas da consultoria Goldman Sachs, o nosso país aparece com uma das possíveis cinco maiores economias do mundo daqui a cinqüenta anos. É interessante observar que, em todas as prospecções sobre o futuro dos atuais países emergentes, sempre aparece o Brasil, ao lado da China e da Índia.

Qualquer pesquisa realizada por cientistas geopolíticos sempre valoriza as possibilidades políticas do Brasil, em termos de futuro poder.

Isto porque os geopolíticos, em suas análises, destacam como fatores do poder político: o território (extensão, posição e abundância de recursos naturais), população (número e qualidade), industrialização, economia (realizada e em potencial), instituições, poder militar (existente e mobilizável) e desenvolvimento científico e tecnológico.

Nessa linha de análise, o Brasil se destaca como quarto maior território do mundo, quinta ou sexta maior população, coesão política e social assegurada pelas ausências de conflitos raciais, étnicos ou religiosos, uma população ávida de progresso e relativo grau de desenvolvimento industrial e tecnológico.

Em nossa opinião, o Brasil é um país premiado pela natureza mas que, nos últimos cem anos, se atrasou na corrida para o progresso econômico e social, em virtude do mal desempenho de suas elites políticas, de seus governantes. Perdemos “o momento” da industrialização, da criação de uma infra-estrutura de transportes, de montar um sis-

tema de energia elétrica, de exploração petrolífera. Como dizia o nosso mestre sociólogo Gilberto Freyre, “sempre chegamos atrasados de pelo menos cinquenta anos”.

Apesar de nos termos atrasado, ainda há tempo para optarmos pelo caminho da aceleração do desenvolvimento econômico e social e chegarmos à posição de potência ou, para quem preferir, de país desenvolvido, como visualizam os pesquisadores estrangeiros que acima mencionamos.

Esta possibilidade, entretanto, vem sendo cercada por uma política econômica monetarista de juros bancários altíssimos e de carga tributária elevadíssima, condições desanimadoras para o capital investidor. A estas causas retardadoras de nosso desenvolvimento econômico e social há de se acrescentar a mentalidade derrotista da maioria de nossa elite intelectual e de nossa imprensa, que não crê e ridiculariza as avaliações dos órgãos de pesquisa estrangeiros sobre o futuro de seu próprio País. ●

## BIBLIOTECA DO EXÉRCITO EDITORA

### Coleção General Benício



### *A Restauração de Portugal e do Brasil*

*José Gerardo Barbosa*

A obra apresenta a biografia de Francisco Barreto Menezes no contexto das guerras de restauração e de expulsão dos holandeses, bem como seu desempenho no governo do Estado do Brasil e na presidência da Junta de Comércio do Reino. O trabalho vem enriquecer a historiografia do Brasil Colonial, apresentando um conjunto de perfis de governadores, chefes políticos e militares da administração portuguesa. Apresenta um apêndice contendo textos documentais relevantes para conhecimento de seu biografado. É obra essencial para aprofundamento do conhecimento de nossa história.